



“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

O CAMPO DE REFUGIADOS, UM LUGAR DE VIDA E SOBREVIDA.

Por Marc-Antoine Pérouse de Montclos

Do Institut de Recherche pour le Développement e Professor no Institut d'Études Politiques, Paris.

Publicado no jornal Le Monde de 19.07.2007

Traduzido e a seguir comentado por José Farhat

Nos países do sul, os ocupantes de campos de refugiados não são vítimas passivas esperando mais ou menos pacientemente a ajuda que a comunidade internacional bem queria lhes fornecer. São eles também atores econômicos, políticos e, mais amiúde que às vezes se acredita, militares.

A imagem de um refugiado maltrapilho, o ventre avolumado, sacudido pela fome, não representa felizmente que uma parte da realidade. Na maioria dos casos, os campos são, na realidade, mercados muito ativos que subvertem e dinamizam as economias regionais. Colocados sob a proteção do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), quando os países receptores são signatários da Convenção de Genebra de 1951, que enquadra o direito de asilo através do mundo, eles se beneficiam de uma assistência internacional e de serviços públicos, em uma ambiência onde o Estado falha.

É necessário precisar que, por razões estratégicas, os campos de refugiados são geralmente espaços fechados, estabelecidos em regiões remotas e subdesenvolvidas, longe dos centros de poder, a fim de melhor controlar populações consideradas perigosas. Para abastecer e gerenciar estas aglomerações humanas artificiais, as organizações humanitárias devem então construir de tudo: pistas de aviação, rodovias, clínicas, escolas, poços etc.

Resultado: os campos requerem plataformas de serviços que vão bem além do espaço extraterritorial reservado aos refugiados, sobretudo se eles se perenizam. Eles são um tipo de gueto urbano no meio rural, fazem figura de cidades virtuais e atraem as populações circunvizinhas.

Aliás, não sem inconvenientes: na maioria das vezes, os campos de refugiados são locais de tráfico, de prostituição e de grande violência onde a proibição de trabalhar e as restrições de circulação favorecem o desenvolvimento de delinquência juvenil e incitam a mergulhar na clandestinidade para tentar sua chance no exterior.

No interior dos campos, a esperteza impera e importa conceber o refugiado antes como empreendedor que incriminá-lo como um traficante. Deste ponto de vista, o mercado negro corrige a inadequação dos produtos da ajuda humanitária que são revendidos para completar a oferta e comprar bens de primeira necessidade.

Um exemplo entre muitos outros: antigamente, colonizados pelos italianos, os criadores de rezes do sul da Somália têm o hábito de comer macarrão e carne; nos campos do Quênia [como refugiados], no entanto eles preferiam revender os alimentos que lhes eram dados, notadamente a farinha de mandioca, muito apreciada pelos locais para preparar a ugali (o prato nacional). Com



“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

este dinheiro, os refugiados somalis compravam não somente carne, mas também investiam no pequeno comércio, provocando tensões com os locais que se queixavam de concorrência desleal.

De fato, numerosos refugiados dispõem de uma capacidade de poupança graças a seu espírito de iniciativa e à sua inserção em redes de linhagem transnacionais. Apesar da proibição de trabalhar, alguns conseguem ser empregados por organizações humanitárias que lhes pagam emolumentos (incentivos) na falta de um salário; fortalecidos por sua posição de intermediários, eles se tornam então verdadeiras notoriedades tal como interpretes junto à comunidade internacional o que não deixa de lembrar o personagem de Wangrin no romance de Hampaté Bâ (L'Étrange Destin de Wangrin, 1973, Poche).

Outros, por sua vez, se beneficiam de remessa de fundos de seus parentes exilados no ocidente. A análise das trajetórias migratórias dos refugiados revela verdadeiras estratégias de investimento familiar a este respeito, com um primogênito pedindo asilo na Europa ou América, um outro estabelecido em um país “intermediário” (notadamente no mundo árabe) e os filhos sociais nos campos. Pouco estudadas e ainda menos contidas na mídia, as remessas de fundos dos migrantes representam na realidade um volume financeiro e, potencialmente, um aporte bem mais importante que a ajuda humanitária dos ocidentais.

Elas constituem, de certa forma, a face oculta de uma solidariedade de crise, pelo melhor como pelo pior, porque permitem ao mesmo tempo socorrer as populações desesperadas e de abastecer os beligerantes.

Porque não devemos nos enganar: os campos de refugiados abrigam também autores de atos de violência. Tomar as armas faz parte das estratégias de fuga, quer voluntariamente, ou de forma constrangedora quando as guerrilhas circunstantes convocam os jovens à força. Os campos servem de viveiros de recrutamento e o refugiado se militariza tanto mais facilmente quando seu grupo está empenhado em sobreviver. Segundo a HCR, 60% dos refugiados colocados sob sua proteção foram implicados em atos de violência em 1987; a proporção ainda era de 32% em 1998. Os campos dos mujahidins afegãos no Paquistão, dos khmers vermelhos na Tailândia ou sudaneses na Etiópia são conhecidos por terem sido verdadeiras bases militares no decorrer dos anos 1980 e 1990.

Ainda hoje, os campos de refugiados no Chade abrigam, combatentes de Darfur e os grupos rebeldes vêm lá regularmente para abastecer seu contingente de carne para canhão. A dimensão militar, e não somente econômica, dos campos coloca evidentemente graves problemas éticos às organizações humanitárias.



“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

COMENTÁRIO SOBRE: CAMPO DE REFUGIADOS, UM LUGAR DE VIDA E SOBREVIVIDA.

*Por José Farhat,
Cientista Político e Empresário.*

É oportuno o artigo do Professor de Montclos, para despertar os brasileiros para o problema de refugiados em geral e dos refugiados palestinos em particular, por serem estes os mais numerosos, os mais lutadores e os mais injustiçados de todos.

De acordo com a Convenção de Genebra sobre o Estatuto dos Refugiados, citada pelo articulista, a definição de “refugiado palestino” é o de uma pessoa “cujo local de residência era a Palestina, entre junho de 1946 e maio de 1948, e que perderam suas casas e meios de sobrevivência como resultado do conflito árabe-israelense”. A definição da ACNUR também cobre os descendentes de pessoas que se tornaram refugiadas, independentemente de residirem em áreas designadas como campos de refugiados ou estabelecidos em comunidades permanentes. Com base nesta definição, o número de refugiados palestinos cresceu de 711.000 em 1950 para perto de 4.000.000 registrados com as Nações Unidas em 2002 (hoje perto de 5.000.000 segundo a ONU). Muitos permanecem refugiados e continuam residindo em campos de refugiados desde o conflito de 1948.

Porém para nós, com todo o respeito que merece a definição das Nações Unidas e com a gratidão para tudo o que tem feito a ACNUR nestes decênios, a definição de “refugiado palestino” é muito mais real e muito mais amarga, pois é aquele refugiado da Palestina, fruto do Êxodo Palestino, o qual chamamos de *nakba* (catástrofe).

A cada um de nós cabe um *jihad*, um esforço (e não ‘uma guerra santa’ como querem aqueles que o saudoso Edward Said chamava de ‘orientalistas’ e seus herdeiros); o nosso é o de esclarecer à opinião pública de nosso país a realidade da questão palestina e desmascarar as mentiras que tentam plantar entre nós.

Contrariando o que disse o Professor Montclos, felizmente os campos de refugiados palestinos não são locais de prostituição e nem tampouco de violência, pois a moral das famílias palestinas, ainda que vivendo na miséria e tão ou mais alta do que era na Palestina. Se tráfico há, é um tráfico necessário: de armas e munições para que o sonho se torne realidade. Há também o que ele chama de “carne de canhão” pois é lá a fonte principal de combatentes.

Há que se concordar, no entanto, com aquilo que ele chama de “solidariedade de crise, pelo melhor e pelo pior” pois as transferências monetárias dos palestinos que trabalham fora dos campos “permitem ao mesmo tempo socorrer as populações desesperadas e de abastecer os beligerantes”.



“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

Vale a pena lembrar alguns episódios relevantes a respeito dos refugiados palestinos, começando por David Ben-Gurion quando cinicamente declarou: *"Não há refugiados – há combatentes que pensaram em nos destruir, [pelas nossas] raízes e galhos"* enquanto uma enorme variedade de relatórios, de fontes independentes e insuspeitas, mostram que a maioria dos refugiados palestinos era de crianças, mulheres e idosos. As palavras do fundador de Israel quando cotejadas com a do comandante britânico das forças jordanianas, Glubb Pasha ou do mediador das Nações Unidas Count Folke Bernadotte, são desmentidas.

Uma grande mentira, incessantemente repetida para aparentar verdade, trazida da escola de propaganda do nazismo é aquela que se ouve amiúde afirmando: "Em numerosas instâncias, os líderes judeus aconselharam vivamente aos árabes para que ficassem na Palestina e se tornarem cidadãos de Israel" a respeito dos refugiados palestinos enquanto a verdade é dita pelo historiador israelense Benny Morris: *"Ben-Gurion claramente queria que o mínimo possível de árabes permanecessem no Estado Judeu. Ele espera vê-los fugindo. Ele disse ainda mais a seus colegas e ajudantes em reuniões em agosto, setembro e outubro [1948]."* E desde então já se falava em limpeza racial.

As mentiras de então continuam a querer se perpetuar quer negando até mesmo a existência de refugiados palestinos, quer negando-lhes o mínimo direito de receberem ajuda. Exemplo disto aconteceu semanas atrás, quando uma senhora residente em Florianópolis, escreveu para o jornal *O Estado de S. Paulo* dizendo não entender por que os países árabes, donos do petróleo, não abrem as portas para os refugiados palestinos. Isto a respeito de 96 refugiados palestinos recentemente acolhidos pelo Brasil. Enviei-lhe carta dizendo que se são refugiados, é porque vieram de algum lugar; como dos países árabes do petróleo não foi e sabemos que vieram da Palestina, é para lá que devem ir, mas para lá não vão porque uns "alguns" lhes roubaram as terras, expulsaram aqueles que não mataram criminosamente, não os deixam voltar e ainda contam com pessoas aqui entre nós para falsear a verdade dos fatos.

Faltou desmentir a declaração de Ezer Weizman, quando ainda Ministro da Defesa, em 1981, quando disse: "O problema demográfico desaparecerá" pois as mulheres palestinas continuam a parir e as outras, cada dia menos. Esta não é a solução final, mas contribuirá para que os palestinos voltem a suas casas.